

# SENTIDO DA VIDA PARA O CLIENTE COM CÂNCER: UMA ABORDAGEM EXISTENCIAL HUMANISTA

---

## MEANING OF LIFE TO A CANCER PATIENT: AN EXISTENTIAL HUMANIST APPROACH

---

## SENTIDO DE LA VIDA PARA EL CLIENTE CON CÁNCER: UN ABORDAJE EXISTENCIAL HUMANISTA

Liliane Almeida Albuquerque<sup>1</sup>  
Maria Ângela Alves do Nascimento<sup>2</sup>  
Maria Salete Bessa Jorge<sup>3</sup>

Estudo de abordagem qualitativa, fundamentado na análise existencial de Viktor Emil Frankl, teve como objetivo compreender o sentido da vida para o cliente portador de câncer. Para des-velar essas vivências, utilizou-se a entrevista semi-estruturada como técnica de coleta de dados. O campo de investigação da pesquisa foi o serviço de Hematologia e Oncologia da cidade de Feira de Santana. Os sujeitos entrevistados foram selecionados intencionalmente, tendo como critério de escolha, pacientes em tratamento quimioterápico. A abordagem fenomenológica foi o procedimento para análise das descrições. Do depoimento dos entrevistados foram inferidos diversos indicativos de sentido da vida, manifestados, em sua maioria, nas vivências mais íntimas estabelecidas na relação entre familiares, cônjuges, amigos bem próximos. A experiência espiritual, a fé e a religiosidade conferem destaque às questões ligadas à transcendência do ser. O fato de manter uma ocupação ou metas profissionais a serem atingidas demonstra a busca de forças nos aspectos positivos da existência. A culpa surge quando o indivíduo contribui para a determinação de seu sofrimento e, mediante reflexão, transforma a culpa em mudança para práticas responsáveis. São estes os sentimentos que os pacientes oncológicos experienciam em toda a sua amplitude. O sentido de vida é revelado como algo a ser encontrado dentro do ser e não fora dele.

**PALAVRAS-CHAVE:** Câncer. Vivências. Sentido de vida.

*This is a qualitative study, grounded on the existential analysis of Viktor Emil Frankl, with the objective to comprehend the sense of life for a cancer patient. In order to unveil these experiences we used semi-structured interviews as technique for the data collection. The investigation field was the service of Hematology and Oncology in the city of Feira de Santana. The subjects interviewed were intentionally selected, the criteria was; patients under chemotherapy. The procedure to analyze the data was the phenomenological approach. From the accounts of interviewed patients several indicators of meaning of life were seen, manifested, mainly, in the most intimate relationships among relatives, spouses and close friends. The spiritual experience, faith and religiosity, highlight the questions related to the transcendence of the human being. The fact of keeping an occupation or professional objectives to be accomplished shows the search for strength in the positive aspects of existence. Guilt comes out when the individual contributes to determine his suffering and through reflection, transforms the guilt into change for responsible practices. These are the feelings that the ontological patients experience in all their extent. The meaning of life is revealed as something to be found inside the human being, not outside him.*

**KEY WORDS:** Cancer. Experiences. Sense of life.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem de Feira de Santana. Graduada em 2002.

<sup>2</sup> Enfermeira. Professora Dra. Titular. Mestrado Acadêmico em Saúde Pública. Universidade de Feira de Santana.

<sup>3</sup> Enfermeira. Professora Dra. Titular em Enfermagem em Saúde Mental. Mestrado Acadêmico em Saúde Pública. Universidade Estadual do Ceará. Líder do Grupo Saúde Mental, Família e Práticas de Saúde.

*Estudio de abordaje cualitativo, fundamentado en el análisis existencial de Viktor Emil Frankl, con el objetivo de comprender el sentido de la vida para el cliente portador de cáncer. Para develar esas vivencias se utilizó, como técnica para la colecta de datos, la entrevista semiestructurada. El campo de investigación fue el serviço de Hematología y Oncología de la ciudad de Feira de Santana. Los sujetos entrevistados fueron seleccionados intencionalmente, usando como criterio de selección, el paciente en tratamiento quimioterápico. El abordaje fenomenológico fue el procedimiento para el análisis de las descripciones. Del testimonio de los entrevistados fueron inferidos diversos indicativos de sentido de la vida manifestados, en su mayoría, en las vivencias más íntimas establecidas en la relación entre familiares, cónyuges y amigos bien próximos. La experiencia espiritual, la fe y la religiosidad, confieren destaque a las cuestiones ligadas a la trascendencia del Ser. El hecho de mantener una ocupación o metas profesionales a ser alcanzadas, demuestra la búsqueda de fuerzas en los aspectos positivos de la existencia. La culpa surge cuando el individuo contribuye para la determinación de su sufrimiento y, mediante reflexión, transforma la culpa en cambios para prácticas responsables. Estes son los sentimientos que los pacientes oncológicos experimentan en toda su amplitud. El sentido de la vida es revelado como algo a ser encontrado dentro del Ser y no fuera de él.*

*PALABRAS-CLAVE: Câncer. Vivencias. Sentido de la vida.*

## APROXIMAÇÃO COM O TEMA

O interesse pelo tema em discussão surgiu em meio ao Curso de graduação em Enfermagem da UEFS, após cursar a disciplina optativa Enfermagem em Hemoterapia e realizar, no período de férias universitárias, um estágio de 40 horas em um serviço de hemoterapia, na cidade de Salvador (BA). Posteriormente, a experiência de um segundo estágio voluntário, em um serviço de hemoterapia, em Feira de Santana (BA), possibilitou a habilitação a uma bolsa de trabalho, como bolsista do Centro de Integração Empresa Estudante (CIEE) no dito serviço de hemoterapia.

O convívio com pacientes oncológicos ocorreu no momento em que eles recebiam transfusão de sangue ou de hemocomponentes no serviço de hematologia. Foi enriquecido pela oportunidade de cursar a disciplina optativa Enfermagem Oncológica, quando essa convivência com a clientela foi aprofundada, levando à seguinte inquietação: Como se desvela o sentido da vida para esses indivíduos?

A própria vivência com os pacientes oncológicos e as diversas formas de encarar a vida, reveladas nas respostas dadas por cada um ao sentido do que é viver, motivaram esta pesquisa, que teve por objetivo principal compreender e apreender as vivências de pessoas em situação de câncer.

Esse olhar diferenciado produziu uma reflexão sobre o significado da vida para cada uma dessas pessoas, para os sentimentos contraditórios que permeiam o universo de suas emoções e conduziu à compreensão desse ser-no-mundo em seu existir único, pessoal e intransferível. Envolveu também questões essenciais à existência humana, como medo, angústia, tristeza, desesperança e o próprio fenômeno da morte.

Outros estudos realizados serviram para referendar a questão de saúde mental, no que se refere ao sentido da vida. Cita-se como exemplo a publicação *O Sentido da Vida do Portador da AIDS: Uma Questão de Saúde Mental*, de Zaleski e Vietta (1998), fundamentado em uma abordagem existencial humanista, à luz de Viktor Emil Frankl. A obra traz à tona a importância de pesquisas que abordem o homem e não apenas sua doença, objetivando assegurar-lhe um tratamento e uma atenção condizentes com sua dignidade humana.

O impacto do diagnóstico (câncer) e o tratamento que se anuncia colocam o indivíduo acometido pela doença diante do fenômeno da transitoriedade da vida. Segundo Frankl (1990b, p.50) “[...] a luta do homem no mundo é, quase sempre, uma tentativa de adiar a morte para ampliar a história e o tempo de permanência aí, ou

de tentar encurtar a vida, quando diante de um sofrimento insuportável.”

A formação acadêmica, de um modo geral, está voltada ora para a prevenção da doença, ora para a cura, dando sempre menor ênfase aos aspectos e fenômenos ligados à morte. Essa vivência faz compreender o quanto os alunos necessitam do entendimento acerca das questões ligadas à morte para que, posteriormente, possam ser responsáveis pelo cuidar do paciente que deles estiverem a necessitar. Dessa forma, o interesse pela compreensão de questões significativas da existência humana, anteriormente referenciadas, bem como pela apropriação desses conhecimentos poderão contribuir para a humanização da assistência prestada ao cliente oncológico e a outros com necessidades semelhantes. Leva-se em conta o fato de que vem aumentando significativamente o número de pessoas acometidas por câncer. É nessa perspectiva que os profissionais de saúde precisam saber cuidar desses pacientes e lidar com os agravos de sua doença.

O câncer é, ainda neste início de século, uma doença estigmatizada. Algumas pessoas acreditam em sua transmissibilidade e o vêem como uma ameaça de morte. Entendem que, ao receber o diagnóstico, os dias de vida do doente acometido por essa doença estão chegando ao fim.

Na verdade, o câncer é uma doença tumoral maligna, surgida através da replicação descontrolada das células. O processo de organização celular fisiológica é explicado com clareza por Del Giglio (1999, p.20):

[...] as células de um organismo são organizadas em tecidos que, por sua vez, compõem os órgãos como o coração, o pulmão, o estômago, etc. Mesmo no organismo adulto já formado existe renovação celular constante da maior parte de seus tecidos. O processo de morte e substituição celular é altamente organizado, de tal maneira a que tão logo o número de células que morreram, e que serão substituídas, o processo cesse. Evita-se assim que um número excessivo de células possa, ao se acumular, distorcer a arquitetura do tecido original [...]

Para que se entenda o câncer nesse contexto, apresenta-se a definição exposta por Del Giglio (1999, p.22):

[...] uma alteração do processo de morte e/ou proliferação celular que geram um desequilíbrio, favorecendo o acúmulo desordenado de células. Esse acúmulo progressivo de células dá origem a um tumor capaz de gerar sinais e sintomas que caracterizem o paciente com câncer.

Em virtude das experiências vivenciadas pelos pacientes oncológicos, começou-se a observá-los de maneira diferenciada, percebendo-se que cada um tem algo diferente na forma de conduzir a vida, de dar-lhe sentido, principalmente após o diagnóstico e a partir de seu tratamento, quando o doente se coloca diante da transitoriedade da existência.

O propósito deste estudo foi compreender qual o sentido da vida para o cliente de Serviço de Hematologia e Oncologia portador de câncer, e como essa pessoa vivencia sua própria experiência de ter câncer.

#### A ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR EMIL FRANKL

Na teoria Existencial Humanista de Viktor Emil Frankl, estão destacados os seguintes pressupostos básicos: crença na liberdade humana; a existência, nas pessoas, de uma instância que jamais poderá ser contaminada por qualquer enfermidade, por mais grave que ela seja; toda e qualquer pessoa é chamada à vida para ser responsável e, muito mais, para dar a ela o melhor de si, e não para tirar dela qualquer coisa que violenta sua natureza (GOMES, 1987).

Para Frankl (2000, p.98-99), a Análise Existencial vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana. Assim, cada indivíduo é responsável por sua vida.

Uma das características que a Análise Existencial traz para a concepção do homem é, segundo Frankl (2000), a de que a pessoa humana tem um Deus, uma religiosidade inconsciente. Essa descoberta foi feita pelo autor durante sua experiência nos campos de concentração. Seu argumento, de que cada pessoa tem uma instância que não é atingida por nenhuma patologia, é fundado na certeza de que todo ser humano tem um lado incorruptível e lúcido, mesmo quando a doença e o sofrer sejam infinitos.

Outro pilar importante da Análise Existencial de Frankl é a individualidade de cada homem. Assenta-se no fato de que cada pessoa é insubstituível e sempre será responsável por seus atos. Para Frankl (2000, p.80): “[...] cada pessoa é questionada pela vida, e somente ela pode responder à vida, respondendo por sua própria vida; à vida, ela somente pode responder se for responsável.” É objetivo da Análise Existencial, segundo Gomes (1987, p.27): “[...] encontrar um sentido para a vida de cada pessoa, configurado na sua realidade, no seu sofrimento, na sua existência, muitas vezes desprovida de propósitos.”

No dizer de Frankl (2000), o ser humano é livre e responsável e tem consciência de sua responsabilidade. Além disso, é incondicionado e busca um sentido para sua vida, trazendo, dentro de si, um Deus inconsciente. Apoiado nessa reflexão, o autor dá vida a uma nova forma de ajudar o homem, criando a Logoterapia. Para um melhor entendimento, *logos* é uma palavra grega que equivale a *sentido* ou ainda a *conhecimento*.

Entende-se que essa modalidade psicoterapêutica não é uma solução para o dilema da humanidade, mas uma tentativa de encontrar um sentido para a vida de cada pessoa, em sua realidade, em seu sofrimento, em sua existência, muitas vezes sem propósitos. Em outras palavras, é a psicoterapia centrada na busca de sentido vital, capaz de ajudar a pessoa a encontrar o “para que” viver, ou seja, um sentido para a vida individual.

O sentido vital é uma direção à qual o homem se impõe pela responsabilidade para com a vida. Brota da liberdade em que acredita de forma incondicional, por achar que é a expressão do que há de mais humano em si. Não se trata da procura de um sentido, mas a procura do sentido da vida. Também não se trata de inventar um sentido, pois já existe. A vida já tem um sentido desde o momento em que alguém é atirado no mundo. A tarefa é apenas encontrá-lo (FRANKL, 1990a).

Reafirma-se aqui que o ser humano é o único que sabe de sua possibilidade de morte. Origina-se aí a convivência com o fantasma da finitude e do sofrimento. A partir da descoberta de que a

vida não é eterna, o ser humano começa a cobrar atitudes responsáveis e a viver com responsabilidade, para conseguir dar à vida e dela tirar, da maneira mais urgente possível, aquilo que deseja e que lhe dá um sentido. Falta a cada um, apenas, descobri-lo (GOMES, 1987).

A Logoterapia vem a ser, então, a tentativa de humanização das psicoterapias. Estas têm a crença de que o homem é determinado, condicionado pelo meio ou impulsionado, mas não consciente e livre para assumir responsabilidade pela vida. Este novo conceito aborda a vida como a arte do cuidado, ao afirmar que o homem tem consciência de sua finitude e passa a vida preocupado com o tempo. Dessa forma, ele percebe a vida como a arte do zelo. É a partir daí que ele começa a assumir responsabilidades, cuidando de si e dos outros (GOMES, 1987).

A falta de sentido para a vida, segundo Frankl (2000), faz com que o homem se perceba em um grande vazio existencial. A Análise Existencial é, por assim dizer, a única forma de psicoterapia existencial que propõe uma filosofia de compreensão do homem como um ser chamado à liberdade, à responsabilidade pessoal de dar uma resposta para a vida e descobrir o sentido que ela tem.

Ao longo de sua existência terrena, o homem não deveria procurar um sentido abstrato na vida. Como diz Frankl (2000, p.98): “[...] cada um precisa executar uma tarefa concreta que está a exigir realização. Nisso a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim a tarefa é singular, sendo também oportuna além de específica, para levá-la a cabo.”

A logoterapia ou a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, como tem sido chamada por alguns autores, concentra-se na existência humana, na busca da pessoa por este sentido. Nesse caso, “[...] a busca do sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano.” (FRANKL, 2000, p.92).

Acredita-se que o cuidado de enfermagem, dispensado a pacientes com câncer, oportuniza experiências com o isolamento, a falta de sentido, a liberdade e o enfrentamento da morte. Es-

sas idéias guardam relação com a Análise Existencial, como campo de estudo vasto e rico para o desenvolvimento de estudos, principalmente nessa área.

Um dos princípios fundamentais da Análise Existencial preconiza que a principal preocupação da pessoa humana não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas, antes, em enxergar um sentido em sua vida. Deste modo, Frankl (2000, p.101) entende o homem como um Ser à procura de sentido. Nessa busca, o ser humano conta com a ajuda da consciência. Movido por essa crença, o homem levanta a questão do sentido de vida e se interroga sobre a existência de um tal sentido. Frankl (1990b, p.83) afirma que o homem pode dar sentido a sua existência da seguinte forma:

[...] ao fazer algo, ao agir, ao criar algo – ao realizar uma obra; mas também, segundo, ao vivenciar algo – amar a natureza, a arte, pessoas; e, terceiro, finalmente o homem também consegue, lá onde não tem as possibilidades da primeira ou segunda direção, conferir valor à sua vida dando-lhe um sentido – a saber, exatamente na forma como toma posição diante do imutável, fatal, inescapável, inevitável limite de suas possibilidades, como ele se coloca e se comporta diante dele, como ele aceita esse destino.

De acordo com Frankl (2000), o homem possui condições de encontrar o sentido da vida independentemente de sua identidade sexual, de sua idade, de seu quociente intelectual, de seu grau de formação, da estrutura de seu caráter, do meio ambiente em que se insere, de ser ou não ser religioso. De tal modo, “[...] o sentido da vida é incondicional por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável.” (FRANKL, 2000, p.102). O autor diz, a esse respeito, que um sério sofrimento é necessário para o encontro do sentido da vida. Para esclarecer sua afirmação, assim discorre sobre o assunto:

Longe de mim afirmar que o sofrimento seja necessário. O que pretendo dizer é que, apesar do sofrimento, é possível o encontro de sentido – contanto que o sofrimento seja inevitável, vale dizer, que a causa biológica do sofrimento não possa ser remediada e afastada, quer se trate de uma causa biológica, quer psicológica ou sociológica [...] Em suma tenhamos como princípio que, antes do mais, importa atingir e afastar a causa de um sofrimento, a prioridade pertence à ação concreta. Só no caso em que nada mais se possa “fazer”, pelo menos de imediato, exclusivamente nesse caso o sofrimento produz uma possibi-

lidade de sentido. Esta, porém, é a possibilidade mais alta. (FRANKL, 1990a, p. 25).

Mesmo que uma pessoa não consiga mudar a situação que causa seu sofrimento, obviamente, ela poderá escolher que atitude tomar. Isso remete à idéia do homem livre e incondicionado, não obstante o sofrimento. Para Frankl (2000), não é possível conceber algo que condicione o ser humano, a ponto de deixá-lo sem a menor liberdade.

O ser humano faz determinações sobre si mesmo, da mesma forma que suas potencialidades são concretizadas, dependendo não das condições às quais se expõe, mas das decisões que precisa tomar. Nessa perspectiva, Bresser (apud FRANKL, 2000, p.75, grifo nosso) faz uma declaração acerca da busca de sentido:

[...] de nada vale procurarmos o sentido da vida, o sentido do sofrimento e o sentido de tudo o que concerne ao nosso ser individual, como se esperássemos descobri-lo à margem do caminho. Não encontramos o sentido como se encontra uma chave perdida *encontrar sentido sempre e simultaneamente é dar sentido. Deveremos dar à nossa vida*, como nosso ser biológico, um sentido, extraindo compreensão e forças para isso dos mananciais do espírito, do logos e, portanto, daquilo que é perenemente válido.

A busca de sentido, de acordo com Frankl (2000, p.95), “[...] pode causar tensão interior em vez de equilíbrio interior.” Nessa ótica, ele afirma:

[...] a busca do indivíduo por um sentido é motivação primária em sua vida [...] esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprida por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma impotência que satisfará a sua própria vontade de sentido. (FRANKL, 2000, p.92).

Para Frankl (1990a, p.46), o sentido da vida, em cada dia e cada hora, “[...] é um novo sentido, e um sentido especial espera cada pessoa. O sentido é, portanto, sempre um outro. Mas sempre há um, até o fim. Pois não há pessoa para a qual a vida não prepararia uma tarefa, e não há situação na qual a vida pararia de nos oferecer uma possibilidade de sentido.”

De sua singularidade segue-se, porém, que a possibilidade de satisfação do sentido é transitória [...] que ela tem caráter! Quando nós não realizamos uma tal possibilidade, então ela nos escapa para sempre. Se, porém, nós a realizamos uma vez, então nós a realizamos de uma vez por todas. Então nós salvamos no passado a realidade da qual fizemos uma possibilidade. Pois ela é guardada no passado [vergangensein].

Lá ela é preservada contra a transitoriedade; no passado nada é inexoravelmente perdido, mas tudo é resgatado de forma indelével. Comumente, o homem vê apenas o restolho da transitoriedade; o que ele deixa de ver são os celeiros cheios de passado. O que sempre fizemos e criamos, o que sempre vivenciamos e experimentamos – nós o colocamos a salvo nesses celeiros, e nada e ninguém pode jamais bani-lo. (FRANKL, 1990b, p. 46).

Em se tratando de falta de sentido, Frankl (1990b) reafirma que o sentido de ausência de sentido surge na forma de tédio e indiferença. O tédio é definido como carência de interesse, notadamente de interesse do mundo, ao passo que a indiferença pode ser definida como carência de iniciativa, ou seja, de iniciativa frente ao mundo, para nele operar mudanças.

Responsabilidade, na compreensão do autor citado, é aquilo para onde se é *puxado* e do que se *foge*. Em relação à responsabilidade e ao homem, como ser livre e incondicionado, Frankl (1990a, p.69) afirma: “[...] o próprio viver nada mais é que ser-interrogado. Todo Ser não é mais que uma resposta, uma responsabilidade da vida. Deprendemos, então, que ser homem significa decidir o que fazer de si mesmo. E isto, por vez, significa assumir responsabilidade.”

Ao compreender a dimensão humana do homem, Frankl (2000) declara-o livre para agir. Essa ação envolve a responsabilidade de cada ser, bem como a responsabilidade entre as pessoas. Essa liberdade reflete, necessariamente, uma responsabilidade pelos atos. Sendo assim: “[...] à essência do homem pertence não apenas a liberdade de ser culpado, mas também a responsabilidade de desenvolver-se para além da culpa.” (FRANKL, 1990b, p.42).

A vida sempre oferece uma possibilidade para satisfação do sentido, por livre escolha, já que ela tem sempre um sentido. Poder-se-ia também dizer que a existência humana permite ser modelada com sentido *até o último suspiro*. “Enquanto o homem respira, enquanto ele permanece consciente, ele carrega consigo a responsabilidade para responder às questões da vida [...] ser homem não é nada mais que ser consciente e ser responsável.” (FRANKL, 1990b, p.74). Nosso comportamento humano, diz o autor, é determinado, na medida em que é consequência de

motivos ou efeito de causas. “No primeiro caso ele é livre, isto é, livre de causas, no último, não. Liberdade é, portanto, liberdade de determinantes não cognitivos, mas liberdade de motivos (móveis interiores).” (FRANKL, 1990b, p.43).

Para o autor:

[...] o ser humano não é completamente condicionado e determinado; ele mesmo determina se cede aos condicionamentos ou se lhes resiste. Isto é, o ser humano é autodeterminante [...] ele não simplesmente existe, mas sempre decide qual será sua existência, o que ele se tornará no momento seguinte [...] sendo capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessário. (FRANKL, 2000, p.112).

A reflexão que se faz sobre esses valores remete à percepção de sua universalidade, cuja validade não se circunscreve a uma situação determinada, onde, na totalidade, eles se encontram intimamente vinculados à própria constituição humana. A apreensão de valores não pode ser imposta de forma coercitiva aos homens, sequer por meio de decisões da maioria (FRANKL, 1990a). No caso das decisões majoritárias, servem apenas para mostrar relações de poder. Cada momento é, portanto, uma oportunidade de um novo sentido para cada ser humano. Como relatou Frankl (2000, p.100), o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir. Para descobri-lo, Kretschmer (1990, p.70, grifo nosso) propõe três formas:

1. Criando um trabalho ou praticando um ato [*valores criativos*];
  2. Experimentando algo ou encontrando alguém [*valores de experiência ou vivenciais*];
  3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável [*valores de atitude ou atitudinais*].
2. Nos *valores criativos*, o fazer corresponde à capacidade de trabalho que pode dar sentido à vida de alguém. Não é decisivo, aí, o que se faz, mas como é feito. Já os *valores de experiência ou vivenciais*, a vida pode ser plena de sentido quando o homem experimenta o mundo, no que de belo oferece, como a natureza, uma arte [...] E os [*valores atitudinais*], para a maioria dos homens, constituem a posição mais alta da hierarquia de valores, sendo que dizem respeito a fins éticos, que, todavia, ultrapassam a “ética do sucesso”.

Nos valores de atitude, a possibilidade de encontrar sentido também se oferece, de modo especial, no sofrimento. “Acontece precisamente quando o homem não se identifica com o seu sofrimento, mas dele se distancia, para afinal assumir uma atitude plena de sentido correspon-

dente à situação.” (BÖSCHEMEYER, 1990, p.42). Esses valores, no entanto, não podem ser escolhidos e adotados em um nível consciente, constituindo-se em algo próprio de quem se é. “Eles se cristalizam no curso da nossa espécie humana; estão fundamentados no passado biológico e é lá que têm suas raízes.” (FRANKL, 2000, p.124).

O autor afirma que não existe uma receita para se encontrar valores. É a partir da autoconcepção que se encontram os caminhos que conduzem a um valor. De modo algum o sentido poderá ser prescrito. Nem seria possível fazê-lo. Contudo “[...] pode muito bem ser descrita a maneira como, a partir de si mesmo, possa o homem encontrar sentido.” (FRANKL, 2000, p.23).

O autor traz a busca do indivíduo por um sentido como motivação primária em sua vida. Dessa maneira, a tríade trágica, descrita por Frankl (1990a), advém da *frustração existencial* absorvida pelo homem em sua interminável busca de sentido. Diante de uma doença potencialmente fatal, esse sentido pode parecer não existir, mas a aparente aceleração da finitude da vida, para alguns, faz do futuro um tempo inatingível. Sem planejamento e objetivos, o presente torna-se vazio, sem um sentido para oferecer à vida.

Sobre a finitude da vida e seu sentido, Frankl (1990b, p.76) ressalta: “[...] a morte pertence à vida tão plenamente como o sofrimento. Nenhum dos dois torna a existência do homem sem sentido, mas antes plena de sentido.” É, portanto, a singularidade da existência do homem no mundo, a irrepetibilidade de seu tempo de vida, a irrevocabilidade de tudo aquilo com que se fica a preenchê-la – ou se deixa esvaziá-la – que traz significado maior à existência humana.

Sendo assim, a condição de mortal cobra do ser humano atitudes responsáveis. Daí a importância de aproveitar cada minuto, cada oportunidade para preencher o tempo. Entretanto, não raro, na conjuntura atual da sociedade, a busca de sentido constante pode aumentar o vazio existencial. Nessa perspectiva, o homem depara-se com a tríade sofrimento, culpa e morte, vivenciando-a em toda sua dimensão emocional. É a morte, enfim, que remete o homem ao significado da transitoriedade da vida.

Temer o amanhã, como se ele estivesse inevitavelmente atrelado ao fim, é não saber se lançar ao futuro, abrindo espaço para a presença da morte. Em contrapartida, acreditar na possibilidade da vida cria mecanismos de enfrentamento da morte.

Esse mecanismo de sofrimento, culpa e morte na tríade que se configura trágica, contribui para que o paciente oncológico possa, confiante, acreditar nas oportunidades de um novo dia, oferecendo esperança à vida.

## CAMINHO METODOLÓGICO

A pesquisa é de natureza qualitativa, com eixo teórico existencial-humanista de Frankl (1990a, 1990b), cujo objetivo foi compreender essa vivência ímpar que acompanha o existir de cada ser humano, durante toda a vida, em especial o doente, em seu estágio de sofrimento. Para chegar à compreensão do sentido da vida, buscou-se um caminho que fosse capaz de desvelá-lo. A pesquisa qualitativa mostrou-se a mais adequada para a compreensão desse fenômeno em toda sua subjetividade.

O campo da pesquisa foi o Instituto de Hematologia e Hemoterapia de Feira de Santana-BA (IHEF). Essa é uma Instituição privada, com atendimento ambulatorial aos doentes radicados no município e nas áreas circunvizinhas. São disponibilizados à população serviços clínicos (consultas) e terapêutica médica. Por ser uma instituição privada, dentre os entrevistados havia pacientes portadores de planos de saúde e, conseqüentemente, de nível socioeconômico condizente com a classe média, refletindo certa estabilidade financeira.

Os sujeitos do estudo foram representados por sete (07) pacientes com diagnóstico de câncer. A técnica utilizada para obter as informações foi a entrevista. Por meio desse instrumento, observou-se a dificuldade de adaptação de alguns clientes às alterações produzidas em sua imagem, com repercussões negativas sérias no convívio social. A percepção do padrão estético imposto, cada vez mais, pela mídia e absorvido pela sociedade interferia freqüentemente na

“aceitabilidade”/ “acolhimento” das pessoas com diagnóstico de câncer.

A entrevista semi-estruturada, como técnica de coleta de informações, permitiu, por meio de uma interface, captar, ao mesmo tempo, a expressão facial do entrevistado, sua voz, gesticulações, emoções e sentimentos. Além disso, o sujeito foi considerado participante especial da pesquisa. Por conta de sua *performance*, estaria aberto um espaço para redimensionar (caso necessário) a entrevista de forma que os pacientes pudessem descrever o sentido que a vida tem para eles após o diagnóstico do câncer e estar sendo submetido à quimioterapia. A entrevista foi norteada pelas seguintes questões: O que significa ter câncer para o senhor(a)? Quais os motivos que o senhor(a) tem para continuar vivendo? Atualmente, o que é mais importante em sua vida?

Além das questões norteadoras, foram coletados dados pessoais para caracterização dos entrevistados: sexo, idade, ocupação/profissão, grau de escolaridade, estado civil, diagnóstico.

O quantitativo foi determinado por amostragem conceitual, isto é, no decorrer da coleta e análise das descrições emanadas dos participantes da pesquisa. As respostas, quando começaram a se repetir, permitiram a compreensão do fenômeno estudado. A seleção dos sujeitos teve como critério básico estar o cliente em atendimento quimioterápico.

Para registro das informações, foi utilizado o gravador. De acordo com Pereira (1993), é um recurso com inúmeras vantagens, das quais a principal é obter as falas vivas dos participantes. Os sujeitos do estudo foram informados acerca do uso do gravador, como instrumento de apreensão das falas, bem como sobre a importância de sua colaboração na construção do estudo.

Antes da coleta propriamente dita foi aplicado um pré-teste, para avaliação do instrumento, como também para evidenciar possíveis ambigüidades das questões, adequação de ordem, número, necessidade de completar ou até mesmo sua operacionalidade (vocabulário acessível, e clareza no significado das questões). Três clientes foram entrevistados, obedecendo-se, no caso, os critérios de seleção para participação na

pesquisa. Não foram constatadas falhas do instrumento durante o processo. Por outro lado, verificou-se que os questionamentos eram sensíveis e adequados para ajudar os pacientes na autoconfiguração e reflexão de suas vidas.

O estudo foi desenvolvido com base na Resolução 196/96, do Decreto n.º 93.933, de 14 de janeiro de 1987, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), que trata de pesquisa envolvendo seres humanos. Neste sentido, foram respeitadas todas as suas exigências, tendo sido formalizada a carta de autorização para realizar a pesquisa no serviço de Hematologia e Hemoterapia e elaborado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aplicado junto aos sujeitos.

Os depoimentos foram transcritos ao final de cada entrevista, respeitando-se a linguagem dos entrevistados, sem qualquer interferência na mensagem emitida, na (co)ordenação das frases e na exposição dos pensamentos contidos no relato de cada um. Ao término das transcrições, procedeu-se à análise dos dados empíricos, considerando-se os seguintes passos:

1º Passo: leitura geral da descrição, para compreensão do todo.

2º Passo: após a compreensão do sentido do todo, voltou-se ao início do texto, para uma releitura, a fim de discriminar as unidades de sentido, dentro das perspectivas de maior interesse, focalizando sempre o fenômeno estudado. Os discursos foram recortados e as unidades de sentido elaboradas, dando vez à descoberta de determinados aspectos de uma realidade complexa, trazida pelo mundo e incorporada à vida dos sujeitos.

3º Passo: uma vez delineadas as unidades de sentido, buscou-se novamente trazê-las à tona, para identificar o que elas queriam expressar de forma mais direta, destacando as mais reveladoras do fenômeno em consideração (a vivência com câncer). A linguagem dos discursos foi transformada em linguagem simbólica, com ênfase no fenômeno em estudo, mediante um processo de reflexão e variação imaginativa.

4º Passo: por último, foram sintetizadas todas as unidades de sentido, em um processo deno-



minado estrutura da experiência (Sínteses das unidades de sentido transformadas em uma descrição consistente da estrutura do fenômeno), dando consistência à experiência do sujeito.

As falas descritas nas próximas seções foram agrupadas por similaridade de entendimento, por parte dos sujeitos entrevistados.

## COMPREENDENDO O SENTIDO DA VIDA DO PACIENTE COM CÂNCER

Com base nos passos de análise de Giorgi (1985), foram destacadas as unidades mais reveladoras do fenômeno – a vivência com o câncer – inerentes a cada questão norteadora, na busca dos aspectos que dão sentido à vida do paciente oncológico. Os relatos possibilitaram a compreensão das revelações que fundamentam os propósitos desta pesquisa.

### **A vivência com câncer: da finitude à continuidade da vida**

O significado de ser portador de câncer pode interferir no sentido da vida do paciente. Para alguns entrevistados, esse diagnóstico se transforma em uma sentença de morte que, aos poucos, vai sendo substituída pela esperança de cura e continuidade da vida.

“Achava que ter câncer era o fim. Depois, com as orientações dos médicos e apoio de minha família, passei a viver um dia de cada vez. Cada dia é um motivo para festejar.” (Ent. 3).

Outro aspecto importante vislumbrado no significado de ter câncer é a dor causada no sujeito, sendo este o responsável por seu próprio sofrimento, conforme o depoimento de um dos entrevistados.

“Vivemos cercados de informação, mas o vício é terrível [...] Comecei a fumar jovem, então dói saber que eu poderia ter evitado.” (Ent. 7).

Uma doença de tratamento agressivo, como o do câncer, através dos efeitos indesejáveis da quimioterapia, poderá influenciar significativamente o sentido de vida do paciente, no que diz respeito a sua auto-imagem.

“É ruim olhar no espelho assim [...] sem cabelo, magra, descorada. Fico sem vontade de falar com ninguém, queria sumir.” (Ent. 2).

O significado de ter câncer poderá levar o sujeito a uma maior reflexão sobre o estar vivo, valorizando o tempo, o próximo e a si mesmo. Há, contudo, aqueles que não conseguem extrair sentido no sofrimento, deixando de vivenciar outras possibilidades de encontro de sentido para a vida. Todavia, cada ser humano é responsável pela direção dada a sua vida, uma vez que, segundo Frankl (1990a, p.96): “[...] ser homem precisamente significa decidir o que fazer de mim mesmo. E isto, por sua vez, significa assumir responsabilidade pelo que tenho feito de mim mesmo.”

Dos depoimentos dos entrevistados portadores de câncer, foram coletados diversos indicativos de sentido da vida, emergidos de suas vivências mais significativas, relacionadas às ligações familiares entre os cônjuges, pai e mãe, filhos e amigos bem próximos.

“A esperança vinculada à fé em Jesus Cristo, principal motivo de estar e permanecer vivo, mesmo experienciando as agressões do câncer e do tratamento quimioterápico [...] Deus como centro da sua fé, abrindo portas para o socorro celestial, mediante a convicção em ser atendido.” (Ent. 5).

### **Desvelando os motivos em busca de sentido de sua vida**

Na fala dos entrevistados, ficaram bem claros os motivos da busca de um viver com qualidade, como esses motivos guardam sintonia com o sentido de vida e como eles se manifestam na relação com a família e com as pessoas que lhes são mais caras.

“Não digo que é fácil, mas tenho ajuda de Deus, da família; [...] minha filha é a corda de meu coração.” (Ent. 3).

Segundo Lukas (1990), ao colocarem a família como centro gravitacional do amor, os entrevistados reforçaram sua idéia de que esta é também um embrião de toda vida humana, representando o relacionamento familiar uma co-evolução. Entretanto deve-se ter o cuidado para não transformar esse amor em oportunidade de chantagem, até porque ele só tem sentido quando manifestado por doação.

A despeito dos entrevistados terem explicitado em seus discursos que a família desempenha um papel de relevância na vontade do paciente oncológico de continuar vivendo, não se pode deixar de atribuir crédito ao profissional de saúde, pois ele é um articulador dessa relação, com vistas a estimular, no paciente, sensação de autovalor e aceitação de seu estado mórbido, favorecendo a utilização de mecanismos para enfrentamento da doença. Evidentemente, a troca de amor entre o paciente e seus familiares fortalece os sentimentos que levam à alegria e ao desvelamento de sentido da vida. Dessa maneira, o sofrimento e a finitude da vida, bem como a culpa, não são elementos suficientemente fortes para sobrepujar os motivos encontrados para ser feliz e continuar vivendo. Os entes queridos tornam-se, assim, motivos primordiais para que o doente permaneça vivo, conforme dá a perceber o depoimento transcrito a seguir:

“Descobri muitos amigos. Meus vizinhos têm sido maravilhosos. Faço muitas caridades e me sinto feliz por isso.” (Ent. 6).

Um sentido muito presente nos depoimentos dos entrevistados é a fé em Deus, movendo a esperança de sobreviver. Essa fé, segundo os sujeitos, impulsiona-os a continuar lutando pela vida.

“Deus tudo pode, Ele é que tem o controle do mundo e da ciência e pode, por isso, usar a ciência a meu favor, se Ele quiser.” (Ent. 3).

A força encontrada na fé, no amor e na esperança é decorrente da crença do paciente em Deus, tornada maior através do apoio da família e dos amigos. Segundo Frankl (1990a), essa *força* possibilita ao ser humano tolerar o sofrimento por orientação do sentido da vida, posto ter algo ou alguém esperando por ele. Caso contrário, se nada o aguarda, se não há uma vontade a considerar ou não existe um objetivo para a vida, uma motivação, pessoas por quem lutar e sofrer, acredita-se que sua vida poderá cair no vazio.

### **Sentido da vida para cada indivíduo com câncer: um encontro que acontece a cada momento**

O sentido da vida, para alguns entrevistados, está relacionado com Deus, com os familiares e com os indivíduos que dividem com eles afetividade, conquistas pessoais e até mesmo a própria vida. Ressalta-se, porém, que este sentido é dinâmico e pode ser modificado a cada instante pela interação dos sujeitos com o mundo.

Nessa perspectiva, Frankl (1990b, p.95) assim concebeu o sentido da vida: “[...] cada dia, cada hora proporciona um novo sentido, e um sentido especial espera cada pessoa.” O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida, de um modo geral, mas, antes, o sentido da vida de um modo específico, da vida de uma pessoa em dado momento. Dessa forma, sempre haverá um sentido.

Por vezes, em meio a seu sofrimento, o paciente oncológico poderá ter dificuldade em visualizar suas possibilidades de encontro desse sentido. Contudo, a(o) enfermeira(o) ou outro profissional de saúde poderá agir como um facilitador(a), questionando-o sobre algum sonho ainda não concretizado, alguma conquista pessoal deixada no passado. No dizer de Frankl (1990b, p.78): “[...] no passado nada é perdido, mas tudo pode ser resgatado de forma indelével.” Caso o sonho do passado já não possa ser realizado, levar o indivíduo à compreensão dessa limitação é uma ajuda capaz de favorecer seu amadurecimento e possibilitar um futuro significativo.

O sentido é percebido também na busca da saúde e na própria vida, haja vista que, ao buscar a saúde, valoriza-se também a oportunidade de estar com vida.

“Ter saúde. Terminei a última sessão de quimioterapia. Não tenho metástase. Isso abre uma janela para o futuro.” (Ent. 5).

As realizações pessoais dão um sentido novo para viver, no momento em que oportunizam o crescimento do indivíduo. Estar vivo é, pois, o *signal verde* para o doente continuar suas con-

quistas, confirmando sua presença no mundo, como reforça o relato a seguir:

“Tenho um ano em tratamento. Neste período, aprendi a pintar e aperfeiçoar meu bordado. Descobri esses talentos, tentando esquecer o câncer.” (Ent. 3).

Para Frankl (1990b, p. 74): “[...] a vida sempre oferece uma possibilidade para satisfação do sentido, por livre escolha, ela tem sempre um sentido; poder-se-ia também dizer que a existência humana permite ser modelada com sentido ‘até o último suspiro’.”

## REFLEXÕES DO ESTUDO

Em sua totalidade, foi possível detectar, através dos discursos dos doentes entrevistados, atitudes positivas em favor da vida, na intenção de prolongá-la. De igual forma, percebeu-se a intenção de estabelecer metas, significando a possibilidade de cumprir um sentido e realizá-lo. Não obstante o momento atual seja marcado por tantas diferenças, surge a convicção de que novas situações e novas resoluções estão por acontecer, dando vez à superação de uma etapa e de outras que forem se seguindo. Com isso, acontece um crescimento pessoal contínuo.

As entrevistadas, de um modo geral, transmitem ainda mensagens de esperança e de fé (o TU, revelado na fala com Deus, deu um tom de intimidade e de confiança). Também o amor (relacionado aos vínculos afetivos estabelecidos), bem como as realizações pessoais e as necessidades de ter saúde formaram um *continuum* que reafirmaram o sentido da vida.

## REFERÊNCIAS

- BOSCHEMEYER, U. Fundamentos, diretrizes e métodos de trabalho da logoterapia. In: FRANKL, V.E. et al. **Dar sentido à vida**: a logoterapia de Viktor Frankl. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1990. p. 79-91.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196/96**. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Centro de documentação do Ministério da Saúde, 1996.

BRESSER, P.H. Responsabilidade e responsabilização-sentido da culpa. In: FRANKL, V.E. et al. **Dar sentido à vida**: a logoterapia de Viktor Frankl. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 53-67.

DEL GIGLIO, A. **Câncer**: introdução ao seu estudo e tratamento. São Paulo: Pioneira, 1999.

FRANKL, V.E. Argumentos em favor de um otimismo trágico. In: FRANKL, V.E. et al. **Dar sentido à vida**: a logoterapia de Viktor Frankl. Tradução Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal. 1990a. p.33-45.

\_\_\_\_\_. **A questão do sentido em psicoterapia**. Tradução de Jorge Mitre. Campinas, SP: Papirus, 1990b.

\_\_\_\_\_. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schulpp e Carlos C. Aveline. 2. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2000.

GIORGI, A. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburg: Ducherne University Press, 1985.

GOMES, J.C.V. **Logoterapia**. A psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl. Rio de Janeiro: Vozes, 1987. (Coleção Logoterapia).

KRETSCHMER, W. Valor do eu e o sentido da vida. In: FRANKL, V.E. et al. **Dar sentido à vida**: a logoterapia de Viktor Frankl. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990. p. 68-78.

LUKAS, E. **Mentalização e saúde**: a arte de viver e logoterapia. Tradução de Helga H. Reinald. Petrópolis: Vozes, 1990.

PEREIRA, Q.M.I. **Variações sobre a técnica do gravador no registro das informações vivas**. São Paulo: CERUS-FELCH-USP, 1993.

ZALESKI, G.F.E.; VIETTA, P.E. **O sentido de vida do portador da AIDS**: uma questão de saúde mental. Campo Grande: UFMS, 1998.

